

FUNDAÇÃO ESCOLA DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Dóris Régis das VIRGENS
Mauricio Aparecido PELEGRINI
Paulo Henrique Oliveira BUFFA

Formação e religiosidade em
Olhai os Lírios do Campo

Trabalho Temático produzido para o
Curso de Graduação em Biblioteconomia
e Ciência da Informação

São Paulo, 2009

1 INTRODUÇÃO

Ao término da leitura de *Olhai os Lírios do Campo*, de Érico Veríssimo, duas questões parecem ficar bastante claras: a primeira, de que se trata de um *romance de formação*, ou seja, trata-se de contar ali a história da vida de um personagem (no caso, Eugênio), desde os seus primeiros anos, até que o seu caráter ou personalidade esteja plenamente formado. O “herói” de um romance de formação necessariamente passa por experiências que o modificam, de tal forma que, ao final de sua trajetória, seja uma pessoa bastante diferente, tendo aprendido algo durante sua vida romanceada. A segunda questão formulada no livro é que a *religiosidade* seria o motor da transformação de Eugênio. Ainda que Deus não esteja em primeiro plano ao longo da narrativa, Sua presença acompanha toda a trajetória do personagem principal. Pode-se afirmar que é o encontro com Deus que transforma Eugênio, que lhe dá forças para abandonar os valores que o guiavam e lhe permite reconstruir a história de sua vida, a partir de um novo quadro de valores e objetivos, muito mais *humanitários*.

A estrutura narrativa do romance reforça a idéia de que se trata de uma *formação*: durante toda a primeira parte do livro, a história se divide em duas temporalidades concorrentes: o passado revisitado na memória de Eugênio dá sentido ao tempo presente, grafado em itálico, e que nada mais é do que uma corrida contra o tempo, a fim de que ainda encontre Olívia, a mulher de sua vida, viva. Embora não consiga chegar a tempo, Eugênio encontra na morte da amada o impulso que lhe faltava para modificar sua vida, para desfazer a insatisfação que sempre o acompanhou. E, nas cartas que ela lhe deixa, encontra um sentido e um propósito para continuar vivendo, que é a *religiosidade*.

A partir da segunda parte do romance, pode-se dizer que Eugênio já está formado (a categoria de *romance de formação* só se aplica, a bem da verdade, à primeira parte do livro), e a narrativa privilegiará os encontros do personagem com outros seres humanos, de maneira a provar que os valores humanitários e solidários deram a Eugênio um propósito que não conhecera até então. A partir desse ponto, a narrativa transforma-se quase em romance de tese, de maneira a convencer o leitor de que, somente respeitando Deus e os seres humanos, somente a partir de valores espirituais sólidos, a vida ganha sentido.

2 A TRAJETÓRIA DE EUGÊNIO

2.1 Os Anos de Formação

Eugênio sofreu um passado de restrições econômicas e privações afetivas. A família, composta dos pais e de um irmão mais moço, possuía características com as quais Eugênio não se identificava. E, provavelmente, sua relação com os familiares influenciou a forma como, por muito tempo, Eugênio definiu a vida, a existência de Deus e as pessoas que o cercavam.

O questionamento da possível presença de Deus em sua vida começa já quando criança, com um Eugênio complexado graças à postura de servilismo de seu pai, e do conformismo de sua mãe, D. Alzira, com a realidade vivida por eles. “Ele se envergonhava da subserviência paterna, traço que também ele herdara e do conformismo materno, associado à noção de destino e à idéia de Deus” (BESSA, 2002, p. 244). Isto causa em Eugênio uma certa ideia de inferioridade, de questionamento das crenças e da religião da família, além, é claro, dos problemas financeiros que sofreu em boa parte da história.

A influência do ambiente na personalidade de Eugênio é visível em diversos aspectos da primeira parte da obra. A presença das figuras parentais e sua influência na formação dos aspectos psicológicos do personagem contribuíram para a formação das ideias de Eugênio, de suas atitudes “passivas”, que muitas vezes se assemelham com as de seu pai, Ângelo, cuja personalidade relacionava-se com sua profissão de alfaiate (serviçal em diversos trechos da história). A proximidade com tais personagens fez com que Eugênio, desde criança, integrasse as características de seus familiares à estrutura de sua personalidade. Entretanto, suas características não permanecem as mesmas durante toda a obra.

Já mais moço, o protagonista, agora estudante de medicina, mostra-nos uma visão cheia de dúvidas e revolta, além de um toque “acadêmico” da possível existência de Deus:

Eugênio escutava com um sorriso de desprezo. Lembrava-se do pai, da pobreza triste de sua casa, dos gorilas, de suas reportagens. Ruminava as suas lutas, as suas humilhações, pensava nas desigualdades da vida, nas injustiças sociais... Se Deus existia, tinha esquecido o mundo, como um autor que esquece voluntariamente o livro de que se envergonha. Não, mas Deus *não* existia. Ele queria não

acreditar em Deus. Além do mais, achava uma certa beleza no ateísmo. (VERÍSSIMO, 2005, pp. 53-54)

Uma clara visão de alguém que durante a infância sofreu com as privações econômicas de sua família e agora, em companhia de pessoas de classes privilegiadas no meio em que vive, constata a grande diferença social que o cercava durante todo o tempo.

Deus então é visto como um Ser cruel e vingativo que “deixou as pessoas à sua própria sorte e que se interessa apenas em castigá-las” (BESSA, 2002, p. 245), em quem Eugênio poderia despejar sua raiva por não possuir as características que o fariam alguém “melhor”, diferente do que seu pai, o serviçal Ângelo, foi.

Em alguns trechos do livro, o protagonista parece-nos temente à existência de um Deus. Desde criança, Eugênio demonstra a necessidade de negação deste, o medo de sua figura e, por isto, passa a não aceitá-lo. As noites de tempestade nas quais Eugênio não dorme são a metáfora desse pensamento; a relação entre o medo e a aceitação, o desejo de sua existência e a necessidade de negação.

Eugênio também aparentava possuir fé e crença na religião de seus pais:

Vinham-lhe porém momentos de dúvida. Era quando lhe parecia vislumbrar Deus através de suas impressões de beleza ou pavor. Quando se comovia ouvindo um trecho de boa música ou lendo uma história de abnegação e bondade, ele se reconciliava com a vida e se inclinava a aceitar ou pelo menos a procurar Deus. Nas noites de tempestade, quando lhe voltava a velha aflição, com a cabeça tonta de sono e daquele inexplicável pavor – Eugênio se entregava a Deus. (VERÍSSIMO, 2005, p. 54)

O personagem Castanho, companheiro de Eugênio em sua vida acadêmica, representa o perfil da personalidade idealizada pelo protagonista em determinados momentos da história. O estudante de direito possui ares de casto, cético, filosófico e “amante dos clássicos”, além de ser respeitado e admirado pelos companheiros de outros cursos por seus artigos publicados e pela respeitável família da qual fazia parte. Com o passar dos capítulos, Eugênio passa a ver em Castanho o seu oposto em ideias e atitudes, já não possuindo mais o perfil idealizado de personalidade que este desejava ter como sua. Castanho era um espelho no qual Eugênio pretendia ver seus reflexos, o do indivíduo a ser seguido, e parte de seu pensamento por vezes considerado ateu vem da influência do amigo nas suas relações.

As ideias ateístas do protagonista vinham da clara necessidade de negar Deus. Eugênio não via sua vida favorecida graças ao meio no qual nasceu e viveu durante boa

parte percorrida até então, e isso considerava culpa da fé na qual acreditavam seus pais, enfatizada pela personalidade conformista de sua mãe até o final da vida, “Não há de ser nada, ninguém pode com o Destino” (VERÍSSIMO, 2005, p. 85).

Após a formatura, Eugênio passou a dedicar-se à profissão médica, exercendo-a ao lado de Olívia, companheira que mudaria completamente a visão do rapaz sobre a crença em Deus e a prática de seus princípios. Nessa fase, ainda possuía as características passadas de infância e juventude; a dúvida sobre a fé e existência de um Criador, e o aspecto de sempre negá-lo. O desejo em Eugênio de salvação era nítido; o personagem em alguns diálogos demonstrava a vontade da crença, porém as humilhações pelas quais passou não abriam espaço para novas interpretações dos fatos e de sua vida.

Com o desenrolar da narrativa, Eugênio consegue o que tanto almejou quando mais moço, a ascensão social e financeira encontrada graças a um mal sucedido casamento com Eunice (esta, aliás, possui características completamente opostas as de Olívia, heroína de *Olhai os Lírios do Campo*). Porém percebe que a felicidade de que tanto tinha certeza alcançaria com o ocorrido, não aparece de fato em sua vida, pois agora o médico percebe a falta de um verdadeiro sentido, uma identificação na qual poderia seguir. A superficialidade das relações também aparenta mais clareza do que antes em seu ponto de vista, e o modo de vida e pensamento de alguns personagens passa a ser questionado por Eugênio. Filipe inclui-se na lista dos questionados graças a suas atitudes; as semelhanças entre este e o protagonista são muitas, entre o passado de lutas e a virada por cima; entretanto, Eugênio não se identifica com a realidade que este parece seguir, achando-a incorreta e cheia de defeitos relacionados à ética e às virtudes. “Uma boa situação econômica, antes de fazê-lo sentir-se enaltecido, (...) deslocava-o diante de pessoas que eram muito distantes de sua realidade interior” (SAGRILO, 2005, p. 76).

Eugênio termina parte da história com muitos questionamentos, alguns existentes desde criança; reflexivo sobre sua postura e a dos demais, sentindo o desejo de encontrar algum aspecto no qual espelhar-se agora, porém sem encontrar a resposta para suas perguntas. Talvez a jovem Olívia, antiga companheira dos tempos de faculdade, seja a solução para a busca que o protagonista tanto anseia.

2.2 Olívia

É a personagem de Olívia que efetivamente dá movimento à história. Não fosse por ela, Eugênio continuaria o mesmo; é ela quem provê a verdadeira transformação do protagonista, é por meio do encontro entre os dois que Eugênio se transforma. Pode-se dizer que, depois de Olívia, ele deixa de ser aquele menino deslocado e inferiorizado, para se tornar um verdadeiro homem. É com Olívia que Eugênio conhece o amor, em todos os sentidos, o amor fraterno, o amor feminino, o amor carnal. É ela que lhe transmite a capacidade de amar ao próximo, por meio da figura de Deus: “Olívia lhe apresenta a face amorosa e cuidadosa de Deus e o confronta com um novo discurso religioso, baseado na participação na coletividade humana, na solidariedade, no encontro com o próximo” (BESSA, 2002, p. 245).

Mais do que uma personagem que participa da ação narrativa, Olívia é uma *presença* constante, que paira sobre toda a história. É a notícia de sua doença que inicia o livro, e a viagem rememorativa de Eugênio. É a sua morte que decreta um ponto final entre a primeira e a segunda parte da narração, e são os seus ensinamentos que dão força e sentido à nova trajetória do protagonista. Olívia é, nesse sentido, o passado, o presente e o futuro de Eugênio, mais ainda porque a filha de ambos, Anamaria, é a lembrança constante da mãe.

De Olívia, não se conhece o passado e, em termos narrativos, suas ações só acontecem em relação aos encontros com Eugênio. Dessa forma, mais do que uma mulher real, Olívia é uma *presença feminina*, e não deixa de ser bastante significativo que o elemento da transformação, a forma de introdução à verdadeira figura de Deus, seja feita por uma mulher. E mais, por uma mulher em muitos sentidos à frente do seu tempo. Sagrilo (2005) aponta como Olívia não é uma figura feminina tradicional: ama livremente, tem uma filha fora do casamento, e nenhuma dessas ações é julgada ou considerada negativa. Ela está, portanto, fora da religião instituída, com os seus dogmas e preconceitos. Por isso não é correto falar-se em religião, mas em *religiosidade*, que se traduz por um sentimento do divino, por um encontro ético com valores espirituais e humanos. É esse o ensinamento de Olívia, o de que somente o amor ao próximo, a entrega solidária e a luta por um mundo fraterno e justo são capazes de conferir sentido à vida. E esses ensinamentos, ela os deixa na forma de cartas, que “possuem um caráter profético” (SAGRILO, 2005, p. 79), ressaltado ainda pelos itálicos do texto.

As cartas de Olívia são também programáticas: em uma delas, propõe um programa de ações a serem postas em prática, tais como:

Mobilizar todas as forças morais e utilizá-las na guerra à guerra e aos outros males sociais. Fazer que homens de espírito são, desinteressados e lúcidos subam aos postos de governo e fiquem senhores da situação. Educar as crianças, procurando dar-lhes desde o jardim-de-infância uma consciência social. (VERÍSSIMO, 2005, p. 206).

Trata-se de colocar o discurso religioso em prática, o que novamente a afasta da religião ortodoxa, e a aproxima de um socialismo cristão, baseado em valores espirituais e humanos ligados à solidariedade e ao amor ao próximo.

O encontro com Olívia é, portanto, encontro com a religiosidade, com o espírito divino, com a possibilidade de adquirir um verdadeiro sentido para a vida. Eugênio até então desconhecera um propósito real, vivia uma existência egoísta, em busca apenas de sucesso material, o que só lhe trouxe infelicidade. Foi preciso que Olívia morresse para que ele tivesse coragem de abandonar o seu casamento infeliz e a vida de posses fáceis, e se entregasse verdadeiramente ao próximo, usando o seu conhecimento de médico para proporcionar conforto aos que precisam, sem ganância ou interesse financeiro. Altruísta até o fim, Olívia morre, mas deixa muitos frutos: uma filha, ensinamentos valiosos, e um novo Eugênio, completamente transformado.

2.3 Um Novo Eugênio

Quero que abras os olhos, Eugênio, que acordes enquanto é tempo. Peço-te que pegues na minha Bíblia, que está na estante de livros, perto do rádio, e leias apenas o Sermão da Montanha. Não te será difícil achar, pois a página está marcada com uma tira de papel. Os homens deviam ler e meditar nesse trecho, principalmente no ponto em que Jesus nos fala dos lírios do campo, que não trabalham nem fiam e, no entanto nem Salomão em toda a sua glória jamais se vestiu com um deles. (VERÍSSIMO, 2005, p. 153).

O próprio nome de Olívia participa da ação que ela desempenha no romance. Seu nome remete a uma figura cujo símbolo é muito forte na Bíblia: a oliveira, na simbologia bíblica, aponta para transformação, renovação. O discurso religioso trazido por Olívia soa diferente aos ouvidos de Eugênio e lhe traz uma nova visão e percepção da vida, das pessoas e até mesmo de Deus. Olívia lhe revela um evangelismo social, voltado para o próximo, que lhe dá sentido à vida.

Após a morte de Olívia, a vida de Eugênio toma outro rumo. Ainda indeciso quanto ao caminho a seguir, é a partir da leitura das cartas de Olívia que ganha força para abandonar o casamento sem amor, e mudar-se para a casa dos Falk, de modo a

assumir a filha Anamaria. Abandona também o emprego com o sogro Cintra, e se recusa a receber qualquer indenização pelo divórcio. Eugênio muda radicalmente, abre um pequeno consultório médico e passa a viver modestamente, privilegiando sobretudo o atendimento aos pobres. Os valores que aprendeu com Olívia deram-lhe um propósito, a ajuda desinteressada ao próximo. E com isso, preenche o vazio que até então fora sua vida.

Mas esse vazio, essa força, esses valores novos, que são transmitidos por Olívia, vêm de uma força maior: Deus. Mas não o Deus que ele conheceu na infância, Ser cruel e vingativo, alheio às injustiças do mundo, e sim um Deus solidário e bom.

A saída do ateísmo só se faz pela alteração da compreensão de Deus e de Seus atributos. Em lugar do castigo e do zelo de Deus sobressaem Seu amor e Seu cuidado. Tais características do Ser divino lhe são reveladas por (...) Olívia. Olívia lhe apresenta a face amorosa e cuidadosa de Deus e o confronta com um novo discurso religioso, baseado na participação na coletividade humana, na solidariedade, no encontro com o próximo. (BESSA, 2002, p. 245).

A mudança no romance não se dá apenas na personalidade de Eugênio, mas sim na própria estrutura narrativa. Se até então tratava-se de recontar o passado do protagonista, agora é do presente e do futuro que se trata. E, se Eugênio continua como o centro da história, outras vozes surgem por meio dele, outras histórias nascem, histórias de sofrimento e de superação, personagens que passam rapidamente pelo protagonista, que com cada um aprende um pouco. Todos, entretanto, reforçam a sua escolha ética e os seus valores morais, pois a sua vida não é mais vazia, e sim plena de sentido.

Sermão da Montanha. Por isso vos digo: Não andeis cuidadosos quanto à vossa vida, pelo que haveis de comer ou pelo que haveis de beber; nem quanto ao vosso corpo, pelo que haveis de vestir. Não é a vida mais do que o mantimento, e o corpo mais do que o vestuário? Olhai para as aves do céu, que nem semeiam, nem segam, nem ajuntam em celeiros; e vosso Pai celestial as alimenta. Não tendes vós muito mais valor do que elas? E qual de vós poderá, com todos os seus cuidados, acrescentar um côvado à sua estatura? E, quanto ao vestuário, por que andais solícitos? Olhai para os lírios do campo, como eles crescem; não trabalham nem fiam; E eu vos digo que nem mesmo Salomão, em toda a sua glória, se vestiu como qualquer deles. Pois, se Deus assim veste a erva do campo, que hoje existe, e amanhã é lançada no forno, não vos vestirá muito mais a vós, homens de pouca fé? (Mateus 6:25-30)

A mensagem do *Sermão da Montanha* operou em Eugênio uma profunda transformação. Através das palavras de Jesus Cristo no livro de Mateus, ele foi alertado para os valores que regem o mundo, como a ganância, o individualismo e o egoísmo; ao mesmo tempo, foi apresentado a novos princípios, ligados ao amor, à solidariedade, e principalmente à confiança em Deus. Em uma passagem posterior do romance, ele conta o efeito do texto bíblico sobre sua vida e assume que anteriormente vivia como um cego: “Antigamente só pensava em mim mesmo. Vivia como cego. Foi Olívia quem me fez enxergar claro. Ela me fez ver que a felicidade não é o sucesso, o conforto” (VERÍSSIMO, 2005, p.281).

“O poder da vontade não transforma o homem. O tempo não transforma o homem. O amor transforma”. Por medo de perder seu *status* social, Eugênio não procurava seu irmão desaparecido; com sua nova postura de vida, passou a amar verdadeiramente, e assim decidiu-se por procurá-lo, publicando nos jornais que estava à procura de seu irmão Ernesto, e assim percebe que uma transformação é feita por ações, e não apenas por palavras e pensamentos.

Ter uma vida diferente para Eugênio partiu do princípio de que as pessoas valem pelo que são, e não pelo que têm; faltava-lhe um foco, pois ele corria atrás do vento, e por isto não atingia nada. A felicidade precisava ser estabelecida consigo mesmo, aprendendo que todos nós temos uma missão a cumprir, e a dele era a de criar sua filha Anamaria da melhor forma possível, e a de amar ao próximo como a si mesmo.

A ambição ao dinheiro fez o protagonista cegar-se frente aos problemas sociais que o cercavam; sua imagem de pobre das calças furadas nunca tinha descido garganta abaixo, e isto gerava sentimentos ruins dentro dele: rancores, mágoas, sentimento de esvaziamento de si mesmo, mas o amor que aprendia dia-a-dia o transformava em um homem melhor, mais coração e menos razão.

Estive pensando muito na fúria cega com que os homens se atiram à caça do dinheiro. É essa a causa principal dos dramas, das injustiças, da incompreensão da nossa época. Eles esquecem o que têm de mais humano e sacrificam o que a vida lhes oferece de melhor: as relações de criatura para criatura. De que serve construir arranha-céus se não há mais almas humanas para morar neles? (VERÍSSIMO, 2005, pág. 153).

O apego ao materialismo, o medo de uma vida infeliz o faziam agir assim, racionalmente exagerado, a ponto de deixar de ser feliz e trocar isso por momentos de felicidades enganosas. Pode-se dizer que suas atitudes oscilavam entre

dois polos: o que ele gostaria de ser (ideal) e o que de fato é. Entre esses dois polos havia um abismo que precisava ser preenchido através de Olívia, que lhe transmitiu o amor e a religiosidade. Eugênio, assim, percebe que deve mudar de postura e de atitudes frente à vida, com humildade e humanidade, e que amor não é apenas um sentimento, e sim uma ação.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mais de 70 anos após sua publicação original, pode-se dizer que *Olhai os Lírios do Campo* tornou-se um clássico da literatura brasileira. Certamente isso não se deu pela técnica híbrida que o caracteriza como romance, fruto de um autor ainda jovem e que, olhando retrospectivamente, no prefácio à obra, reconhece as falhas de composição da narrativa (a segunda parte é bastante inferior à primeira, no que se refere ao desenvolvimento dos personagens e à técnica narrativa). O que faz, então, com que um livro já antigo ainda seja referência de leitura, ainda faça sentido para os leitores do século XXI? Uma resposta possível é: o seu humanismo, a sua defesa apaixonada da ética e dos valores morais, a crítica do egoísmo e a necessidade de solidariedade, que são questões que permanecem atuais, e permanecerão, porque eternas. É essa aproximação com as questões universais que faz do livro uma leitura ainda atraente.

Como romance histórico, *Olhai os Lírios do Campo* ensina um pouco de como era a vida no Brasil da década de 1930, mas o faz apenas como pano de fundo, pois o que interessa a Érico Veríssimo é, sobretudo, a psicologia de seus personagens. As questões históricas e sociais só aparecem em relação aos efeitos psicológicos que causam. Por exemplo, no episódio em que Eugênio deve socorrer um operário morto numa das máquinas da fábrica de seu sogro, ali se identificam as condições de trabalho dos operários, mas o que realmente interessa é o efeito perturbador causado em Eugênio, que detestava o seu papel de “fantoche” do sogro. Não é, portanto, a crônica do Brasil em fase de industrialização que move o romance, e que certamente o tornaria datado.

O que sobressai na narrativa é a relação que se estabelece entre os personagens, é a trajetória psicológica de Eugênio que, depois de uma série de percalços, encontra-se formado como homem, graças ao amor de uma mulher, que soube transmitir a ele os verdadeiros ensinamentos de Deus, o amor e a solidariedade ao próximo. São estes

valores, cristãos, mas, sobretudo humanistas, que configuram o caráter ético do romance, que ainda hoje permanecem plenos de sentido, e permitem a identificação do leitor com a história, garantindo ao livro o seu estatuto de clássico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BESSA, Daniela Borja: “Discurso Religioso em *Olhai os Lírios do Campo*”. In: *Em Tese*. Belo Horizonte, v. 5, pp. 241-248, dez/2002.

SAGRILO, Simone Gonçalves: *A Recepção de Olhai os Lírios do Campo por Leitores da Bíblia*. Dissertação (Mestrado). Maringá, Universidade Estadual de Maringá, 2005.

VERÍSSIMO, Érico: *Olhai os Lírios do Campo*. São Paulo, Companhia das Letras, 2005.